





**ORIGEM LAMANITA:  
GENEALOGIA E GENÉTICA  
NO LIVRO DE MÓRMON**

**THOMAS W. MURPHY**  
**Departamento de Antropologia Edmonds**  
**Community College, EUA.**

MURPHY, Thomas W. Origem Lamanita: Genealogia e Genética no livro de Mórmon. 1ª Ed: Gradus Editora. Bauru, São Paulo. 2021.

### **Ficha Técnica**

#### **Editor-chefe**

Lucas Almeida Dias

#### **Chefe da Curadoria de Livros Acadêmicos**

##### **“Angela Maria Brasil Biaggio”**

Matheus Estevão Ferreira da Silva

#### **Projeto Gráfico**

Paulo Ricardo Cavalcante da Silva

#### **Diagramação e Edição Adicional**

Natália Huang Azevedo Hypólito

#### **Tradutor**

André Ventura dos Santos

#### **Comitê Editorial Científico – Gradus Editora 2020/2021**

Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Dra. Cintya de Oliveira Souza	Dra. Ana Cláudia Bortolozzi
Dra. Andreia de Bem Machado	Dra. Manuela Costa Melo
Dr. Carlos Gomes de Castro	Dra. Ana Beatriz Duarte Vieira
Dra. Janaína Muniz Picolo	Dr. Yan Corrêa Rodrigues
Dr. Thiago Henrique Omena	Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa
Dr. Fábio Roger Vasconcelos	Dr. Leandro Antônio dos Santos
Dr. Gustavo Schmitt	Dra. Renata Cristina Lopes Andrade
Dra. Daniela Marques Saccaro	Dra. Márcia Lopes Reis
Dra. Gladys del Carmen Medina Morales	





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MURPHY, Thomas W. Origem Lamanita: Genealogia e Genética no livro de Mórmon. 1ª Ed: Gradus Editora. Bauru, São Paulo. 2021.  
86p. : il. (algumas color.) ; PDF.

Inclui bibliografias.  
ISBN: 978-65-88496-34-3

1. Livro de Mórmon; 2. Índio americano; 3. Povos pré-colombianos

CDD 300.00

**TEXTO ORIGINALMENTE PUBLICADO EM  
APÓCRIFOS AMERICANOS**





Página anterior e acima:  
George Catlin, Dança da chuva entre os Mandan (Trad. Livre), 1837-1839,  
óleo sob tela, Museu Smithsonianiano de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/rainmaking-among-mandan-4330>



## INTRODUÇÃO

Alguns santos dos últimos dias expressaram otimismo de que a pesquisa de DNA levaria a uma vindicação do Livro de Mórmon como uma tradução de um documento antigo genuíno. A esperança é que a pesquisa de DNA ligaria os nativos americanos aos antigos israelitas, reforçando as crenças SUD de uma forma que não foi encontrada em pesquisas arqueológicas, linguísticas, históricas ou morfológicas. Os resultados, entretanto, foram decepcionantes. Este ensaio descreve duas percepções significativas sobre a geografia e a história dos genes humanos e suas implicações para o pensamento Mórmon. Se a nova adoção da pesquisa do DNA tiver um impacto nas visões mórmons do mundo, provavelmente irá impulsionar novas abordagens das escrituras e da história já em andamento nos círculos intelectuais mórmons. Primeiro, os dados genealógicos inscritos em genes humanos sugerem aos pesquisadores atuais que humanos e chimpanzés compartilham um ancestral comum que viveu na África entre cinco e sete milhões de anos atrás. Esses dados genéticos aumentam a abundância de dados arqueológicos, fósseis e anatômicos que apontam para as origens humanas antigas na África e aumentam as dificuldades em sustentar o literalismo das escrituras. Em segundo lugar, os dados genealógicos inscritos em genes de humanos modernos e antigos esqueletos americanos não apenas ajudam os pesquisadores a identificar as origens finais, mas também fornecem pistas para padrões de migração antigos. Os dados genéticos atuais sugerem que os ancestrais dos nativos americanos se separaram de seus vizinhos asiáticos cerca de 40-50.000 anos atrás e uns dos outros no que pode ter sido três ou mais ondas separadas de migração por 7-15.000 anos atrás.

O Livro de Mórmon, publicado pela primeira vez por Joseph Smith Jr. em 1830 em Palmyra, Nova York, baseia-se na hermenêutica bíblica colonial e anterior à guerra e nos mitos do século XIX sobre a origem e o destino de uma antiga civilização americana de Mound Builders para construir uma imagem textual de pessoas de ascendência hebraica chamadas lamanitas. O autor apresenta os lamanitas como a antítese dos nefitas brancos civilizados, cristianizados, e emprega lendas de uma semente patriarcal semita e uma maldição camítica de pele escura para naturalizar a autoridade dos homens brancos. O texto formula um modelo de conversão que confunde religião com transformação econômica, política, social e biológica. Os mórmons de herança europeia utilizaram o retrato dos lamanitas deste texto sagrado para direcionar os índios americanos para conversão, adoção, e assimilação enquanto justifica a usurpação das terras dos nativos americanos. Em vez de facilitar o desaparecimento dos lamanitas, a evangelização mórmon promoveu o surgimento de uma nova e dinâmica identidade lamanita. Os índios americanos convertidos ao mormonismo nos Estados Unidos, México e além adotaram, contestaram e reconstruíram criativamente o status dos lamanitas de maneiras que frequentemente desafiavam as tentativas dos mórmons de torná-los brancos. Enquanto isso, estudiosos mórmons têm lutado com evidências arqueológicas, históricas e biológicas que contradizem as afirmações de uma origem hebraica dos índios americanos e oferecem novas imagens de lamanitas que estreitam o alcance geográfico do Livro de Mórmon de uma visão hemisférica para geografias mais limitadas em lugares como América Central. O desenvolvimento recente da pesquisa de DNA nas origens dos índios americanos minou as alegações de ancestralidade hebraica dos índios americanos na América



Central e além. Alguns eruditos mórmons estão alegando que os hebreus do Livro de Mórmon não deixaram descendentes genéticos, enquanto outros estão considerando a possibilidade de que a escritura pode ser uma ficção inspirada.

## **SOBRE O AUTOR**



Thomas W. Murphy, Ph.D. da Universidade de Washington em 2003, é Presidente do Departamento de Antropologia do Edmonds Community College e fundador da Escola Aprender e Servir no Campo de Antropologia Ambiental (LEAF). Ele conduziu pesquisas etnográficas, etno-históricas e ambientais nos Estados Unidos, Canadá, México, Guatemala, Iraque, Kuwait e Arábia Saudita, bem como projetos arqueológicos em Japanese Gulch e Hope Island na bacia do Mar Salish. Ele ganhou a Menção Honrosa no Prêmio Elie Wiesel de Ética de 1993 por um ensaio reflexivo sobre a Guerra do Golfo Pérsico. A Dialogue Foundation concedeu-lhe o Prêmio de Teologia e Redação das Escrituras de 1998 por seu artigo, "O Fantasma de Laban". Os alunos da Edmonds CC o selecionaram para o prêmio Triton Honorário Vitalício de Corpo Docente Extraordinário em 2005 e o Conselho de Curadores, três anos depois, recebeu o Prêmio de Excelência em Educação. Em 2011, a Associação de Distritos de Conservação de Washington o selecionou como o Educador do Ano em Conservação do Estado de Washington e em 2014 a Rádio Pública KSER o reconheceu pela Voz da Comunidade - Impacto na Comunidade por um Indivíduo por suas parcerias municipais com as cidades de Mukilteo e Lynnwood. Sua liderança em projetos ecológicos e arqueológicos ajudou o College, a cidade de Mukilteo e o condado de Snohomish a ganhar um prêmio VISION 2040 do Conselho Regional de Puget Sound para o Projeto de Melhoria da Passagem dos Peixes no Gulch Japonês.

Fonte: <https://edcc.academia.edu/ThomasMurphy>









Página anterior e acima:  
George Catlin, Corrida de canoas perto de Sault Ste. Marie (Trad. Livre) ,  
1836-1837, óleo sob tela, Museu Smithsonianiano de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/canoe-race-near-sault-ste-marie-3983>







Página anterior e abaixo:  
George Catlin, Índios Sioux com sapatos de neve  
lancetando búfalos (Trad. Livre), 1846-1848,  
óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/sioux-indians-snowshoes-lancing-buffalo-4369>





## **GÊNESIS, GENEALOGIA E GENÉTICA LAMANITA** **Thomas W. Murphy**

Em março de 2000 Scott Woodward, um professor de microbiologia da Universidade Brigham Young, lançou um estudo multimilionário financiado pelos filantropos Ira Fulton e James Sorenson.<sup>1</sup>

O Grupo de Pesquisa em Genealogia Molecular (GPGM) está compilando um banco de dados de DNA e registros genealógicos que podem ser usados para identificar conexões entre seres humanos presentes e passados. A aplicação de dados do DNA para rastrear histórias familiares e vínculos entre populações oferece uma promessa considerável aos genealogistas santos dos últimos dias.<sup>2</sup> Também constitui um incentivo para pesquisas científicas mais amplas sobre a história e geografia dos genes, bem como sobre a migração global e as histórias da população mundial.<sup>3</sup> Embora a variedade de pesquisas moleculares em uma universidade pertencente à Igreja SUD possa ser um desenvolvimento bem-vindo para muitos mórmons bem-educados, o interesse crescente também pode provocar a reconsideração de suposições que há muito tempo são mantidas por muitos, se não a maioria, mórmons.

Alguns membros da igreja expressaram otimismo de que essa pesquisa justificaria o Livro de Mórmon como um documento antigo. A esperança era que o DNA ligasse os nativos americanos aos antigos israelitas, reforçando as crenças SUD de uma maneira que não foi alcançada em pesquisas arqueológicas, linguísticas, históricas ou morfológicas.

Para aqueles que mantinham tal expectativa, os dados coletados pelo GPGM e os resultados de projetos de pesquisa semelhantes foram decepcionantes.<sup>4</sup>

Até agora, o DNA não deu apoio às crenças mórmons tradicionais sobre as origens dos nativos americanos. Em vez disso, dados genéticos confirmaram que as migrações da Ásia são a principal fonte de origem do índio americano. Esta pesquisa fundamentou evidências arqueológicas, culturais, linguísticas e biológicas já existentes. Embora o DNA mostre que, em última instância, todas as populações humanas estão intimamente relacionadas, até o momento não foi encontrado nenhum vínculo genético íntimo entre israelitas antigos e indígenas americanos, muito menos dentro da linha de tempo sugerida pelo Livro de Mórmon.<sup>5</sup> Portanto, depois de considerar a pesquisa em antropologia resumida aqui, concluí que os santos dos últimos dias não deveriam realisticamente esperar encontrar validação para a antiga historicidade do Livro de Mórmon na genética. Minha avaliação ecoa com a do geneticista e ex-bispo SUD Simon Southerton, cuja pesquisa na literatura “não encontrou nada que apoiasse a migração do povo judeu antes de Colombo” e “nenhuma evidência científica confiável que apoiasse as migrações do Oriente Médio para o Novo Mundo”.<sup>6</sup>

Este ensaio descreve duas ideias sobre a geografia e história dos genes humanos e suas implicações para o pensamento mórmon. Se o apoio à pesquisa de DNA tiver um impacto nas visões mórmons, provavelmente impulsionará novas abordagens das escrituras e da história já em andamento nos círculos intelectuais. Primeiro, dados genealógicos inscritos nos genes sugerem aos pesquisadores atuais que humanos e chimpanzés compartilham um ancestral comum que viveu na África entre 5 e 7 milhões de anos atrás. Isso aumenta a abundância de dados arqueológicos e outros dados que apontam para a mesma conclusão e aumentam os desafios que se encontra ao tentar defender o literalismo das escrituras. Segundo, novas

pistas genéticas estão sendo descobertas que confirmam visões científicas sobre os antigos padrões de migração. Os ancestrais dos nativos americanos parecem ter se separado de seus vizinhos asiáticos cerca de 40.000 a 50.000 anos atrás e um do outro no que pode ter sido três ou mais ondas separadas de migração de 7.000 a 15.000 anos atrás. Nenhuma ligação entre índios americanos e israelitas antigos é evidente nos dados.



Acima e nas próximas páginas:  
George Catlin, Vista no Rio St. Peter, índios Sioux caçando  
um cervo em suas canoas (Trad. Livre), 1836-1837  
óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana

Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/view-st-peters-river-sioux-indians-pursuing-stag-their-canoes-4435>















Página anterior e abaixo:  
George Catlin, Índios Comanche caçando búfalos (Trad. Livre), 1846-1848,  
óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/comanche-indians-chasing-buffalo-4006>



## DNA E ORIGENS HUMANAS

Como os leitores já devem saber, o ácido desoxirribonucléico (DNA) consiste em uma molécula de fita dupla que contém o código genético - o principal componente dos cromossomos humanos que liga os seres humanos a todas as outras formas de vida na Terra.

Por causa de um passado evolutivo comum, as células dos organismos vivos compartilham semelhanças fundamentais. A partir de 1,2 bilhões de anos atrás, surgiram células eucarióticas estruturalmente complexas, contendo uma variedade de estruturas dentro da membrana celular.

O DNA está entre as estruturas mais importantes: o DNA nuclear, encontrado no núcleo das células, e o DNA mitocondrial mais abundante (mtDNA), encontrado fora do núcleo e herdado diretamente das mães. Tanto o nuclear quanto o mtDNA compartilham uma estrutura semelhante, mas são organizados de maneira diferente.<sup>7</sup> Através de comparações de DNA e mtDNA em populações e em todo o espectro de organismos vivos, os cientistas descobriram um verdadeiro registro genealógico. Muitas vezes rotulados como antropólogos moleculares, esses cientistas começaram a usar marcadores genéticos para mapear a evolução e a migração.<sup>8</sup>

### O Terceiro Chimpanzé

Jared Diamond, professor de fisiologia da escola de medicina da UCLA, baseia-se em evidências de DNA para apoiar o argumento de que os seres humanos devem ser classificados como o terceiro chimpanzé. Os cientistas apontam há muito tempo semelhanças

anatômicas com macacos para a classificação de humanos como primatas, mas a análise do DNA nos ajuda a perceber o quão intimamente relacionados estamos. Macacos compartilham um impressionante 93% de seu código genético com humanos, enquanto macacos e humanos compartilham pelo menos 95%; humanos e chimpanzés compartilham surpreendentes 98,4 por cento. A diferença genética entre nós e os chimpanzés (pigmeu comum) é menor do que entre os gibões comuns e os siamang. Também é menor entre espécies de aves da América do Norte intimamente relacionadas, como os pássaros de olhos vermelhos e os pássaros de olhos brancos. Diamond conclui que “somos apenas a terceira espécie de chimpanzé” e que “nossas importantes distinções visíveis dos outros chimpanzés são - nossa postura ereta, cérebros grandes, capacidade de falar, pêlos esparsos do corpo e vidas sexuais peculiares - devem se concentrar meros 1,6% do nosso programa genético “.<sup>9</sup>

### **Origens Africanas**

O DNA não apenas confirma nossa relação genética com chimpanzés e gorilas, mas aponta para a África como o berço da humanidade, apoiando o registro fóssil. A análise dos dados imunológicos de proteínas sugere que humanos e chimpanzés compartilhavam um ancestral africano comum entre 5 a 7 milhões de anos.<sup>10</sup> Fósseis dos gêneros *Australopithecus* e *Ardipithecus* mostram que várias espécies de homínídeos antigos com cérebros semelhantes aos de chimpanzés andavam sobre dois pés entre 6 milhões e 1 milhão de anos atrás.<sup>11</sup> O surgimento de um homínídeo de cérebro maior (*Homo habilis*) há cerca de 2 milhões de anos é seguido pelo *Homo erectus* e o arcaico *Homo sapiens* há cerca de 1,7 milhão e 500.000 anos, respectivamente. Essas espécies se espalharam da África por grande parte da Europa

e da Ásia. Os primeiros fósseis humanos totalmente modernos datam da África cerca de 100.000 anos atrás e da Europa, Ásia e Austrália em cerca de 40.000 anos atrás. Os cientistas debatem vigorosamente se a evolução para o Homo sapiens foi uma transição multirregional gradual em todo o Velho Mundo ou se o Homo sapiens totalmente moderno emergiu de seu local de origem para deslocar espécies regionais arcaicas como os Neandertais encontrados na Europa e no oeste da Ásia.<sup>12</sup>

Na verdade, o maior impacto que os antropólogos moleculares têm causado ocorreu na rivalidade entre a visão multirregional e a de um surgimento moderno da África. Allan C. Wilson, Rebecca L. Cann e parceiros utilizaram o mtDNA de humanos vivos para construir uma genealogia que indicava um ancestral feminino comum na África há menos de 200.000 anos.<sup>13</sup> Isso provocou uma discussão sobre a aplicabilidade dos dados do mtDNA a questões de evolução. Os paleoantropólogos Robert Corruccini e Glenn Conroy criticaram as suposições e simplificações desta abordagem.<sup>14</sup> No entanto, as primeiras descobertas foram substanciadas por análises mais completas da variação do genoma mitocondrial e por vários estudos populacionais de DNA nuclear que mostram mais variações genéticas na África do que em outros lugares, indicando uma origem africana para todos os humanos.<sup>15</sup> A recente extração de DNA de fósseis de Neandertal dá mais peso à hipótese de fora da África. Esses estudos descobriram que o mtDNA dos neandertais está fora da faixa de variação encontrada nos humanos modernos e que as linhagens humanas e de neandertais se dividiram há cerca de 600.000 anos.<sup>16</sup> Uma análise mais aprofundada do mtDNA e DNA nuclear por Alan R. Templeton da Universidade de Washington confirmou uma migração recente da África (cerca de 80.000-150.000 anos atrás), mas indicou que foi caracterizada por alguns cruzamentos e não

substituição completa de pelo menos uma expansão humana anterior da África (420.000-840.000 anos atrás).<sup>17</sup>

O geneticista de Stanford, Luigi Luca Cavalli Sforza sintetizou dados de grupos sanguíneos e polimorfismos de proteínas (proteínas que ocorrem em diferentes formas) para calcular distâncias genéticas entre as populações.

Ao comparar as datas genéticas com as derivadas da arqueologia e da linguística, ele foi capaz de preparar um modelo de colonização humana global. De acordo com seus cálculos, os humanos modernos entraram pela primeira vez na Ásia há aproximadamente 100.000 anos. Eles se espalharam da Ásia para a Austrália há aproximadamente 55.000 anos e para a Europa há aproximadamente 43.000 anos. Os dados são menos conclusivos sobre o momento exato da migração da Ásia para as Américas, mas uma origem asiática está claramente indicada e o prazo possível se estende de 15.000 a 50.000 anos atrás. Uma comparação mais próxima entre ameríndios e asiáticos, em oposição a todos os asiáticos, sugere uma possível data para o primeiro assentamento da América há aproximadamente 32.000 anos.<sup>18</sup>

### **“O Contexto Mórmon”**

A historicidade bíblica foi central para a teologia mórmon desde o seu início. Quando o Livro de Mórmon foi publicado em 1830, o início da América estava envolvido em debates sobre o papel das escrituras em uma época de ceticismo e razão. A existência de dois continentes do Novo Mundo com pessoas não explicadas na Bíblia causou uma crise teológica no Cristianismo no início do século dezesseis.<sup>19</sup> As perguntas sobre a historicidade da Bíblia eram galopantes tanto nos círculos intelectuais europeus quanto nos primeiros americanos. Entre 1794 e 1795, Thomas Paine escreveu uma série influente de panfletos



intitulada *The Age of Reason*, que defendia a razoabilidade da crença em Deus, mas retratava a Bíblia como mitologia e boato.<sup>20</sup> A família de Joseph Smith, como outras, se viu envolvida nessa controvérsia. Asael Smith confrontou seu filho Joseph Smith Sênior com uma cópia do livro de Paine quando soube que seu filho estava participando dos cultos metodistas. O ministro luterano Robert N. Hullinger escreveu com simpatia um retrato desse debate e seu impacto na família Smith e na teologia mórmon. Ele acredita que o Livro de Mórmon e partes da Pérola de Grande Valor e Doutrina e Convênios constituíram a resposta de Joseph Smith Jr. a esse ceticismo.<sup>21</sup> Em uma carta de 1842, o fundador mórmon declarou sua posição sobre essas questões quando declarou “a Bíblia é a palavra de Deus, desde que esteja traduzida corretamente”, enquanto reivindicava um status mais elevado para o Livro de Mórmon como “a palavra de Deus.<sup>22</sup> Mas a tendência de Smith de ler a Bíblia em termos literais também é evidente em sua designação de Independence, Missouri, como o local do Jardim do Éden original.<sup>23</sup> No contexto desse debate, o Livro de Mórmon defendeu as leituras literais da Bíblia contra o massacre do racionalismo, enquanto validava algumas das preocupações dos céticos sobre as imprecisões da Bíblia.

O debate interno sobre a Bíblia e as origens humanas, alimentado pela publicação de Charles Darwin em *On the Origin of Species* de 1859, tem geralmente mostrado que estudiosos SUD e algumas autoridades da igreja apoiam a ciência.<sup>24</sup> Brigham H. Roberts, uma autoridade SUD que apoiou a vida pré-adâmica e a antiguidade da Terra, destacou-se como um dos primeiros porta-vozes da harmonização da ciência e da teologia.<sup>25</sup> Sua abordagem encontrou simpatia e apoio de autoridades SUD como o Apóstolo John A. Widtsoe, Presidente David O. McKay, e Hugh B. Brown, conselheiro da Primeira Presidência. Mais

recentemente, líderes como os Apóstolos Mark E. Peterson e Bruce R. McConkie e os presidentes da Igreja Harold B. Lee e Ezra Taft Benson se posicionaram contra o que eles viram como “os perigos da ciência e da evolução” em particular.<sup>26</sup> O sociólogo SUD Armand L. Mauss notou uma tendência entre os mórmons para o fundamentalismo protestante na última parte do século XX.<sup>27</sup> Apesar dessa tendência, a Primeira Presidência SUD não tomou uma decisão a favor ou contra a evolução.<sup>28</sup> Isso é encorajador para muitos jovens mórmons que estão embarcando em carreiras científicas e buscando maneiras de resolver as tensões entre suas carreiras acadêmicas e espirituais pessoais. As tentativas dos santos dos últimos dias de equilibrar essas perspectivas podem ser encontradas em publicações como Brigham Young University Studies, Dialogue: A Journal of Mormon Thought, FARMS Review of Books e Sunstone.<sup>29</sup> Talvez os novos dados genealógicos extraídos dos genomas possam impulsionar a liderança SUD a reconhecer a possibilidade da mão de Deus na ciência e na evolução, como fez a liderança católica.<sup>30</sup> Portanto, isso implicaria em uma interpretação mais liberal não apenas da Bíblia, mas também dos textos reveladores que defendem o literalismo bíblico.



Ao lado e abaixo:  
George Catlin, Foz do rio Platte, a 900 milhas de St. Louis (Trad. Livre),  
1832, óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/mouth-platte-river-900-miles-above-st-louis-4281>













Página anterior e ao lado:  
George Catlin, Pedreira de catlinita (Pedra-Cachimbo) no Coteau des Prairies  
(Trad. Livre), 1836-1837,  
óleo sob tela, Museu Smithsonianiano de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/pipestone-quarry-coteau-des-prairies-4319>





## **ANTROPOLOGIA MOLECULAR E ORIGENS NATIVO AMERICANAS**

Até o momento, a antropologia molecular não forneceu suporte para o Livro de Mórmon como uma história da América antiga. Cientistas não SUDs há muito consideram a visão do livro inconsistente com o registro arqueológico.<sup>31</sup> Em 1973, Michael Coe, um arqueólogo da Universidade de Yale, apontou para a incapacidade de Joseph Smith de "ler 'egípcio reformado' ou qualquer outro tipo de hieróglifo", observando:

Há uma improbabilidade inerente a itens específicos mencionados no Livro de Mórmon como tendo sido trazidos ao Novo Mundo por Jareditas ou nefitas. Entre eles estão o cavalo (extinto no Novo Mundo desde cerca de 7.000 a.C.), a carruagem, o trigo, a cevada e a metalurgia (a verdadeira metalurgia baseada na fundição e a fundição não sendo anterior na Mesoamérica a cerca de 800 d.C.). A imagem deste hemisfério entre 2.000 a.C. e 421 d.C. apresentado no livro tem pouco a ver com as primeiras culturas indianas como as conhecemos, apesar de muitos pensamentos positivos.<sup>32</sup>

Por razões semelhantes, os arqueólogos SUD Dee F. Green e Deanne G. Matheny criticaram as tentativas ingênuas de vincular o Livro de Mórmon a sítios arqueológicos.<sup>33</sup> Esforços ao longo da vida de Brigham H. Roberts e Thomas S. Ferguson para usar evidências arqueológicas para corroborar o Livro de Mórmon terminaram em desilusão pessoal.<sup>34</sup> As evidências genéticas apresentam dificuldades semelhantes. Quando questionado sobre as evidências de DNA, Michael Crawford, um antropólogo biológico da Universidade de Kansas, afirmou: "Não acho

que haja o mínimo de evidências que sugerem que uma tribo perdida de Israel chegou ao Novo Mundo. É uma grande história, destruída por um fato horrível.<sup>35</sup> O geneticista de Oxford Bryan Sykes e a geneticista russa Miroslava Derenko fundamentaram a conclusão de Crawford por meio de um acordo de que “a genética indiana é da Sibéria, não do Oriente Médio”.<sup>36</sup>

As conclusões de Crawford em *The Origins of Native Americans: Evidence from Anthropological Genetics* mostram por que ele rejeita as afirmações dos mórmons. Semelhanças genéticas, semelhanças morfológicas, afinidades craniométricas e semelhanças culturais entre as populações asiáticas e do Novo Mundo o levaram a concluir que: “Esta evidência indica afinidades biológicas e culturais extremamente fortes entre as populações do Novo Mundo e da Ásia e não deixa dúvidas de que os primeiros migrantes para as Américas eram asiáticos, possivelmente da Sibéria”.<sup>37</sup>

Após essa declaração, ele reconhece que suas evidências não excluem a possibilidade de alguns contatos culturais em pequena escala entre sociedades ameríndias e marinheiros asiáticos ou oceânicos. Apesar dessa qualificação cautelosa, seu trabalho mostra que os lamanitas amerisraelitas não poderiam ter sido os principais ancestrais dos índios americanos, como afirma na introdução atual do Livro de Mórmon.<sup>38</sup> Se houve contato com outras pessoas, ele ainda veria evidências disso, embora as evidências não tenham descartado a possibilidade de encontros limitados.

Como Crawford indica, os dados atuais que mostram uma afinidade entre as populações nativas americanas e asiáticas são abundantes. Por exemplo, ele lista mais de uma dúzia de alelos para proteínas do sangue exclusivas das populações do Novo Mundo e da Ásia e identifica sistemas genéticos adicionais que

não são exclusivos delas, mas ocorrem em frequências diferentes em outros lugares. Isso inclui o sistema de antígeno leucocitário humano (HLA), os vários grupos sanguíneos e até mesmo os haplótipos asiáticos do DNA mitocondrial (mtDNA). “As populações ameríndias e siberianas parecem compartilhar uma predisposição genética para otite média,” uma infecção do ouvido médio “.<sup>39</sup> Os resultados confirmam os estudos arqueológicos, linguísticos, anatômicos e fisiológicos que mostram uma origem asiática para os primeiros habitantes da América.

### **DNA Mitocondrial (mtDNA)**

Os nativos americanos estavam entre os primeiros humanos estudados para a variação do mtDNA. Na verdade, algumas das pesquisas mais reveladoras sobre as origens indianas vêm desses dados. Iniciada em 1985, a pesquisa identificou um marcador genético polimórfico frequente (40%) em Pima-Papago, no sul do Arizona, também presente de forma única, embora em baixa frequência, entre os asiáticos do leste. Um segundo estudo da variação do mtDNA em 1990 descobriu que os Pima-Papago, Yucatan Maya e os Ticuna do Brasil compartilhavam altas frequências do mesmo marcador genético. Os pesquisadores identificaram quatro famílias únicas de mtDNA nessas três populações e concluíram que, apesar da distância umas das outras, elas eram intimamente relacionadas e, provavelmente, todas vinham da mesma população fundadora.<sup>40</sup> Nos anos seguintes, a pesquisa confirmou que “quase todos os mtDNAs nativos americanos (cerca de 98 por cento) foram definidos por um dos quatro conjuntos de mutações específicas e agrupados em quatro grupos bem definidos de haplótipos que foram denominados” haplogrupos “. Os quatro haplogrupos foram denominados A, B, C e D.<sup>41</sup>



O linguista de Stanford, Joseph Greenberg, entrou na discussão em 1987 com um estudo das línguas nativas americanas. Inicialmente, suas descobertas apareceram lado a lado, mas agora estão profundamente enraizadas no estudo da genética dos nativos americanos. Greenberg propôs que as línguas nativas americanas poderiam ser divididas em três famílias: Ameríndios (compreendendo a maioria das línguas da América do Norte e do Sul), Na-Dene (compreendendo Navajo, Apache e línguas faladas no Noroeste do Pacífico), e esquimó-aleúte.<sup>42</sup> Cavalli Sforza acrescentou que uma correlação significativa pode ser encontrada entre os dendrogramas (classificações da árvore genealógica) de evidências genéticas e linguísticas.<sup>43</sup> Outros linguistas geralmente aceitaram as classificações de Greenberg das famílias de línguas esquimó-aleúte e Na-Dene, mas objetaram para agrupar as línguas restantes em uma única família ameríndia.<sup>44</sup> No entanto, uma publicação recente de Cavalli Sforza mostrou correlações entre as classificações linguísticas de Greenberg e suas próprias classificações genéticas. Ele descobriu que “os ameríndios são geneticamente e extremamente variáveis e os subgrupos linguísticos (tradicional) dentro da família ameríndia não correspondem muito bem com os resultados genéticos.”<sup>45</sup> Isso indicava uma migração ameríndia, ou possivelmente múltiplas migrações, pelo menos 30.000 anos atrás, mais velhas e mais complexas do que aqueles dos falantes posteriores de Na-Dene e esquimó-aleúte.<sup>46</sup>

Os dados coletados posteriormente em mais de seis dezenas de comunidades nativas e milhares de indivíduos da América do Norte, Central e do Sul demonstram que as populações ameríndias geralmente contêm todos os quatro haplogrupos de mtDNA. Exceções importantes incluem as populações da baixa América Central, onde apenas os haplogrupos A e B estão

presentes. Falantes de línguas Na-Dene, provavelmente produtos de uma migração posterior, tendem a ter apenas o haplogrupo A. O Haplogrupo B, comum entre os asiáticos do leste, polinésios e ameríndios, é encontrado em baixas frequências entre siberianos, esquimós e falantes Na-Dene. Esta anomalia sugeriu inicialmente a possibilidade de múltiplas migrações. O primeiro teria sido uma população com haplogrupos A, C e D, o segundo pode ter carregado o haplogrupo B e o terceiro teria sido falantes de Na-Dene. O geneticista de Oxford Bryan Sykes sugeriu que a distribuição peculiar do haplogrupo B pode ser “o eco genético de uma segunda colonização marítima que tomou a rota costeira ao norte da costa da Ásia e da costa do Pacífico da América do Norte” há aproximadamente 12.000-13.000 anos. Esta onda de migração pode ter sido provocada pelas mesmas mudanças ambientais pós Idade do Gelo que lançaram um ramo distinto do mesmo haplogrupo da costa da China ou Taiwan para colonizar as ilhas da Polinésia.<sup>47</sup> O geneticista italiano Antonio Torroni estima que a primeira migração ocorreu entre 34.000 e 26.000 anos atrás, o segundo entre 15.000 e 12.000 anos atrás, e o terceiro 10.000 a 7.000 anos atrás. Uma análise mais recente da região de controle do mtDNA encontrou suporte para uma chegada precoce de todos os haplogrupos.

É possível que “todos os nativos americanos derivem de uma única população de origem que colonizou Beringia (agora ocupada pelo Mar de Bering), possivelmente há cerca de 30.000 anos. Os primeiros migrantes de Beringia teriam dado origem a ameríndios e subseqüentes migrações para o Na-Dene e esquimó-aleúte.<sup>48</sup> Enquanto os pesquisadores contestam o momento exato, o número e a origem das migrações, existe um consenso de que elas começaram na Ásia.

## Haplogrupo X

A evidência do mtDNA inicialmente parecia abrir espaço para um quadro mais complexo das migrações. Enquanto cerca de 98% dos nativos americanos descendem de um dos quatro haplogrupos A-D, aproximadamente 1% carrega marcadores de um haplogrupo, agora designado e denominado X, que não pertence às categorias A-D. Antes de compreender o mtDNA europeu, os pesquisadores especularam que este quinto haplogrupo pode ter se originado de uma mistura recente de europeus. Sobre os resultados de pesquisas recentes, Torroni observa:

Entre os nativos americanos, o haplogrupo X parece estar essencialmente restrito aos grupos ameríndios do norte, incluindo os Ojibwa (25 por cento), os Nuu-chah-Nulth (12 por cento), os Sioux (15 por cento) e os Yakima (5 por cento), embora também tenha sido observado no Na-Denespeaking Navajo (6 por cento). Existem diferenças substanciais de sequência entre os mtDNAs nativos americanos e europeus. A análise da rede mediana mostrou que os mtDNAs do haplogrupo X dos nativos americanos e europeus estão relacionados, mas (quase) separados uns dos outros, e que existe uma subestrutura genética considerável em ambos os grupos. Assim, a presença desse haplogrupo na América do Norte não pode ser atribuída à recente mistura com europeus. As estimativas de tempo de coalescência desses mtDNAs nas Américas variam entre 12.000 e 36.000 anos atrás, indicando que o haplogrupo X representa uma linhagem adicional de mtDNA fundadora nos nativos americanos.<sup>49</sup>

O Haplogrupo X pode ser encontrado em baixas frequências na Europa, no Oriente Próximo (incluindo israelenses) e na América do Norte. Até recentemente, pensava-se que ele não existia nas populações vivas do centro-leste da Ásia, Sibéria, Central e América do Sul.<sup>50</sup> Resumindo a pesquisa até o momento em 2000, Torroni propôs que alguns fundadores nativos americanos



poderiam ter ascendência caucasóide e o haplogrupo X poderia ter sido trazido, direta ou indiretamente, para Beringia / América pela migração para o leste de uma ‘população caucasóide que aparentemente não contribui para a genética de origem materna das populações modernas da Sibéria / Ásia Oriental.<sup>51</sup> O geneticista Theodore Schurr relatou a presença do haplogrupo X não apenas em “duas populações pré-colombianas da América do Norte”, mas também em algumas amostras brasileiras antigas.<sup>52</sup> Por causa de variações dentro do haplogrupo nativo americano que o distinguem dos tipos europeus, Michael D. Brown e colegas dataram sua chegada à América do Norte em 12.000-36.000 anos atrás.<sup>53</sup> A pesquisa de Sykes ecoa esse momento e interpretação, traçando a origem de X até as fronteiras da Europa e a Ásia há cerca de 25.000 anos, com uma separação precoce em ramos distintos, um dos quais deu origem à matrilinearidade europeia e o outro às matrilinearidades americanas nativas asiáticas.<sup>54</sup>

A descoberta de um haplogrupo raro aparentemente ligado ao Oriente Próximo despertou o interesse de alguns santos dos últimos dias, embora representasse uma dificuldade considerável para a cronologia e geografia do Livro de Mórmon. O tempo de sua entrada é anterior aos eventos do Livro de Mórmon em milhares de anos, e sua distribuição desafia tanto a geografia hemisférica tradicional do Livro de Mórmon quanto a geografia limitada mais recente da América Central postulada pelos pesquisadores da Fundação para Pesquisa Antiga e Estudos Mórmons (FARMS). A variante X não aparece espalhada pelos continentes americanos nem está limitada a uma região da América Central selecionada.<sup>55</sup> Um editorial da FARMS observando as características de “estilo europeu” associadas ao X sugeriu que ele pode não ser o último novo haplogrupo a ser peneirado da categoria residual ‘outro’. “ O editorial apontou a possibilidade do haplogrupo H (comum

entre os europeus) entre os índios maias como um exemplo da complexidade dos dados e um alerta contra interpretações simplistas.<sup>56</sup> Embora o aviso seja válido, a maioria dos geneticistas atribui a presença ocasional dos haplogrupos europeus Hand J e do haplogrupo L africano ao cruzamento com populações recentes de imigrantes.<sup>57</sup> A identificação do haplogrupo X entre altaianos da Sibéria do Sul em 2001 por Miroslava V. Derenko e colegas invalidou as especulações anteriores de Torroni sobre uma ancestralidade caucasóide do haplogrupo X devido à sua aparente ausência, naquela época, das populações da Sibéria / Leste Asiático.<sup>58</sup> Esta nova pesquisa confirma uma rota antiga de um ramo da matrinhagem X através da Ásia, através da Sibéria, para o Novo Mundo. Em última análise, como Derenko disse a um repórter do Financial Times, a existência do haplogrupo X não constitui uma ligação entre os antigos israelitas e os índios americanos, muito menos dentro do período de tempo ou geografia sugerida pelo Livro de Mórmon.<sup>59</sup>

### **Cromossomos Y**

O DNA mitocondrial, herdado de uma linhagem materna, fornece apenas um método de investigação da genealogia humana. No nível cromossômico, homens e mulheres diferem porque as mulheres possuem dois cromossomos X e os homens têm cromossomos X e Y.<sup>60</sup> Como o cromossomo Y é herdado paternalmente, isso oferece uma ferramenta de investigação alternativa.

O cromossomo Y confirma muitas conclusões já extraídas do mtDNA, da arqueologia e da linguística.<sup>61</sup> Sua distribuição mundial e frequência fornecem suporte para uma origem africana para todos os humanos e para uma origem asiática para os nativos americanos, provavelmente uma origem central

da Sibéria.<sup>62</sup> Os primeiros estudos identificaram um haplótipo principal (definido como o alelo DYS199 T) em ameríndios do sul e do centro em frequências acima de 90 por cento, indicando uma forte homogeneidade genética e população básica comum. Foi encontrado em frequências mais baixas entre os falantes de esquimó e Na-Dene e no extremo nordeste da Sibéria, possivelmente o resultado da migração de volta através do Estreito de Bering. Haplótipos Y intermediários do tipo que pode ter dado origem a este importante marcador nativo americano foram encontrados na Sibéria.<sup>63</sup> Outro estudo recente identificou um segundo grande haplótipo fundador nas populações da América do Norte, Central e do Sul. Os geneticistas T. M. Karafet e colegas rotularam o haplótipo IG da descoberta anterior (DYS199 T) e o novo haplótipo 1C. Embora 1C seja encontrado entre nativos americanos, asiáticos e europeus (2,3 por cento), ele atinge suas frequências mais altas fora das Américas, na Sibéria. Outro possível haplótipo fundador, 1F, aparece com mais frequência na Sibéria e na Mongólia, mas não na Europa.<sup>64</sup> Embora a investigação das linhagens do cromossomo Y não esteja tão avançada quanto a do mtDNA, os primeiros resultados continuam a substanciar muito do que já é conhecido de outros marcadores genéticos e da arqueologia, morfologia e linguística.

### **DNA antigo (aDNA)**

A maioria dos estudos em antropologia molecular foi realizada em populações vivas. Embora sejam valiosos para ajudar a identificar os padrões de migração de nossos ancestrais, eles contam apenas parte da história. Desenvolvimentos recentes, incluindo a invenção da Reação em Cadeia da Polimerase (RCP) em meados da década de 1980, tornaram possível extrair



e analisar o DNA de fósseis antigos.<sup>65</sup> Um dos resultados mais empolgantes desse campo emergente foi a recente extração de DNA de três esqueletos de Neandertal. Outro estudo recente ligou os Anasazi pré-históricos do sudoeste dos Estados Unidos às populações modernas de índios Pueblo.<sup>66</sup> Estudos de Anasazi, Fremont e Oneota mostram continuidade entre as populações antigas e modernas e continuam a apoiar as origens asiáticas.<sup>67</sup>

De maior interesse para os santos dos últimos dias pode ser o estudo dos antigos esqueletos maias de Copán, Honduras. Uma equipe de geneticistas liderada por D. Andrew Merriwether, da Universidade de Michigan, extraiu DNA de nove esqueletos e comparou os resultados com populações vivas. Eles descobriram que todos os nove indivíduos pertenciam aos haplogrupos C ou D do mtDNA, indicando conexões com populações nativas vivas. No entanto, os yucatecas maias vivos são predominantemente de haplogrupos A e B. Apesar das diferenças aparentes entre essas duas populações maias, que são amplamente separadas por geografia e tempo, os autores alertam contra a leitura excessiva dessa pequena amostra. Dados preliminares indicaram que vários indivíduos adicionais que não puderam ser totalmente digitados não eram nem Cnor D. Apesar das pistas adicionais sobre os padrões genéticos que esta tecnologia oferece, ela ainda é prejudicada por baixas taxas de extração e a baixa frequência da maioria dos polimorfismos específicos da população que permitiria uma identificação mais próxima com as populações modernas.<sup>68</sup>

### **DNA israelita**

Estudos populacionais de asiáticos e nativos americanos mostram marcadores genéticos estatisticamente agrupados e compartilhados entre nativos americanos e asiáticos.<sup>69</sup>

Marcadores no cromossomo Y, polimorfismos de DNA nuclear e vários tipos de mtDNA também foram usados para agrupar e mapear relações entre judeus na Europa, Ásia e África. Por exemplo, eles forneceram evidências de conexões judaicas entre os prováveis descendentes de conversos hispano-americanos, os judeus espanhóis convertidos à força ao cristianismo no século XV.<sup>70</sup> Estudos usando bancos de dados globais examinando uma infinidade de marcadores diferentes têm falhado consistentemente ao mostrar um agrupamento estatisticamente significativo de indígenas americanos com NCAR Oriental, Israelita, ou grupos judeus. No entanto, o antropólogo SUD John L. Sorenson, proponente de uma geografia limitada do Livro de Mórmon na América Central, já especulou que se deveria encontrar tanta ou pouca interação, cultural e geneticamente, entre Israel e a América antiga quanto poderia ser encontrada entre os israelitas e os povos da Eurásia.<sup>71</sup> Se Sorenson estiver correto, então podemos comparar a falta de evidência de uma presença genética israelita nas Américas com o agrupamento real de marcadores genéticos em populações do Velho Mundo que afirmam ter ancestralidade judaica.

Os pesquisadores descobriram marcadores genéticos distintos no cromossomo Y que são úteis para estabelecer ligações entre as populações hebraicas antigas e contemporâneas. Dentro da religião judaica moderna, existem três castas patrilineares que os antropólogos genéticos Neil Bradman e colegas descrevem assim: “Os sacerdotes (Cohanim, Cohen singular), membros não-Cohen da tribo sacerdotal (Levitas) e israelitas (não-Cohanim e não-Levitas)”. Observe que o termo israelita, como eles usam, constitui um subgrupo “que não são nem cohanins nem levitas”. Embora as castas sacerdotais estejam presentes na maioria das comunidades judaicas, alguém se torna judeu por meio da

herança matrilinear - isto é, por ter nascido de uma judia - ou por meio da conversão. Assim, os haplótipos “israelitas” são diversos, com apenas o haplótipo modal Cohen, dos marcadores genéticos analisados neste estudo, aparecendo em “israelitas” com mais frequência do que 0,1 ou seja, (14 de 119). O haplótipo Cohen é muito mais frequente em ambos os Ashkenazic e Cohanim Sefardita (0,509, n=54) do que em Levitas (0,037). Apesar de entendimentos diferentes dos termos Judeu e Israelita que os Mórmons sustentam, Bradman e colegas datam a origem do haplótipo Cohen de 2.100 a 3.250 anos atrás, colocando-o dentro do alcance histórico das alegadas migrações leítas e mulequitas para o Novo Mundo. Ele conclui que pode ser útil para testar hipóteses a respeito da relação entre comunidades contemporâneas específicas e a antiga população hebraica.<sup>72</sup>

Neil Bradman e Mark Thomas usaram o haplótipo Cohen para ligar os hebreus antigos à população moderna dos Lemba, uma população negra de língua bantu da África do Sul com tradições orais que afirmam uma ancestralidade judaica. Os pesquisadores observam que “alegar origens judaicas não é um fenômeno incomum: o mito das tribos perdidas é uma história poderosa e muitos grupos afirmam ser descendentes de uma ou outra das tribos ou foram apresentados para essa honra.<sup>73</sup> As alegações sobre uma ancestralidade israelita para os nativos americanos se enquadrariam nesta categoria, mas os testes de DNA dos lembas produziram um resultado notavelmente diferente do que para os nativos americanos. Dois estudos até o momento, demonstraram que um dos clãs (Lemba) carrega uma alta frequência de “um cromossomo Y específico denominado ‘haplótipo modal Cohen’, que é conhecido por ser característico do sacerdócio judaico herdado paternalmente e é considerado, de forma mais geral, um haplótipo de assinatura potencial de origem judaica.<sup>74</sup>



Um estudo adicional de Michael F. Hammer, da Universidade do Arizona e colegas na Europa e na África, encontrou uma continuidade genética considerável e um ponto comum de marcadores no cromossoma Y compartilhado por árabes do Oriente Médio e descendentes da Diáspora Judaica, apesar da residência de longo prazo em várias partes da Europa, Ásia e África. Nesses marcadores, os Lemba mostraram mais casamentos mistos com a população local íons do que outros membros da diáspora judaica, mas ainda agrupados no meio do caminho entre africanos subsaarianos e outros judeus.<sup>75</sup> Tanto Bradman quanto Tudor Parfitt também notaram publicamente a falta de uma ligação comparável entre os nativos americanos e os antigos israelitas.<sup>76</sup>



Página anterior e abaixo:  
George Catlin, Caçada de búfalos usando peles de lobo (Trad. Livre),  
1832-1833, óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/buffalo-hunt-under-wolf-skin-mask-3972>













Página anterior e abaixo:  
George Catlin, Índios Sioux cultuando em Red Boulders (Trad. Livre),  
1837-1839, óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/sioux-worshiping-red-boulders-4371>





## MUDANÇA DE FUNDAÇÕES

A evolução apresenta um pequeno desafio para as crenças mórmons populares em comparação com os problemas colocados pela visão científica da América antiga. Novas evidências genéticas somam uma quantidade já impressionante de dados linguísticos, arqueológicos, culturais, biológicos, anatômicos e psicanalíticos que desafiam a visão tradicional do Livro de Mórmon. Essa visão inclui a crença de que os lamanitas descritos no texto são os principais ancestrais dos índios americanos.<sup>77</sup> Surpreendentemente, a maioria dos santos dos últimos dias não tem conhecimento dos muitos motivos pelos quais a comunidade científica rejeita essa afirmação.

A antiguidade do Livro de Mórmon tem sido questionada desde sua publicação em 1830. Entre os estudiosos SUD hoje, pode-se encontrar indivíduos em ambos os lados da questão, alguns dos quais pensam que é hora de separar a aceitação do livro como escritura de crença em sua origem antiga. Outros duvidam que o livro represente todos ou mesmo a maioria dos nativos americanos e, portanto, propõem uma geografia limitada na América Central. Ambos os grupos rejeitam uma leitura literal e concordam que os nefitas e lamanitas nunca realmente andaram a cavalo, viajaram em carruagens, usaram espadas de aço, criavam gado ou comiam trigo e aveia.<sup>78</sup> A FARMS desempenhou um papel importante ao oferecer interpretações revisionistas que buscam reconciliar a fé com a ciência. Mas a pesquisa de DNA pode tornar esse esforço mais difícil, visto que as opiniões dos intelectuais e dos mórmons tradicionais continuam a divergir.



## Geografia Limitada

As dificuldades em tentar ligar o Livro de Mórmon a populações antigas levaram alguns estudiosos SUD, especialmente aqueles associados com a FARMS, a reinterpretar a identidade lamanita na última parte do século vinte. Rejeitando as visões hemisféricas das gerações anteriores e da maioria dos mórmons contemporâneos, Sorenson propôs uma geografia limitada ao redor do istmo de Tehuantepec na América Central. Ele interpretou o Livro de Mórmon como uma história de linhagem comparável ao Popol Vuh dos Quiché Maya, em vez de uma história hemisférica como a maioria dos Mórmons o entende, explicando que o Livro de Mórmon é um registro parcial de eventos, enfatizando o que aconteceu a um grupo de pessoas, colocado em seus próprios termos etnocêntricos, no meio de outros povos, cada um com sua própria versão dos acontecimentos.<sup>79</sup>

Se os eventos descritos no Livro de Mórmon ocorressem em um pequeno cenário na América Central, então onde um investigador procuraria por evidências genéticas de israelitas?

O estudioso da FARMS, William Hamblin, acredita que “lamanita” significa simplesmente “não nefita”, uma designação cultural em vez de biológica: “Lamanita não é um designador genético que exige que insistamos que todos os habitantes do Novo Mundo descendem geneticamente apenas de Leítas “A esse respeito, ele declara,” todos os nativos americanos modernos podem ser descritos com precisão como lamanitas culturais ou políticos, visto que não são nefitas.<sup>80</sup> Por essa lógica, o próprio Hamblin, um não-nefita, seria um lamanita. Portanto, são necessários critérios mais específicos para distinguir lamanitas genéticos de não-nefitas culturais. Sorenson também se sente confortável com a ideia de que “todos os povos nativos do Novo Mundo podem ser classificados apropriadamente como

lamanitas”. Ele rapidamente esclarece que isso não diz nada sobre a” descendência literal “.” Como Hamblin, ele expressa otimismo de que genes e ideias Leítas possam eventualmente ser encontrados, mas ele adverte que o impacto sobre a cultura circundante à medida que Leítas se espalhou pela América Central teria sido “menor, cultural ou biologicamente”. No entanto, ele identifica vários lugares onde um movimento significativo de povos e ideias mesoamericanas aconteceram. Isso inclui o norte do México, Arizona, Novo México e sudeste dos Estados Unidos: “o Equador no tempo dos Jareditas, e Peru, Equador e Colômbia em várias épocas posteriores, também sentiu a marca da vida mesoamericana e provavelmente dos genes de seus povos.”<sup>81</sup>

A variabilidade social e histórica de significados para rótulos étnicos exige que se preste atenção às diferenças entre biologia e cultura, como fica evidente nos estudos dos Lemba, a tribo africana com vínculos estabelecidos com os antigos hebreus. O significado do termo israelita, como o de lamanita, é variável ao longo do tempo e do lugar.<sup>82</sup> Bradman e Thomas exerceram considerável cautela em suas tentativas de vincular as categorias culturais aos marcadores biológicos. No final das contas, eles identificaram a herança dos Lemba por meio de uma linhagem sacerdotal paterna com um marcador genético distinto no cromossomo Y substanciado posteriormente por outros pesquisadores usando marcadores adicionais do cromossomo Y. As buscas de DNA lamanita são dificultadas pela ausência de fontes históricas antigas que possam substanciar ou esclarecer as classificações culturais feitas no Livro de Mórmon.

Embora os pesquisadores do FARMS tomem o cuidado de observar a importância das influências culturais na construção de categorias, eles expressam confiança na presença genética israelita na América Central e talvez em lugares tão distantes

quanto o Arizona ao norte e a Colômbia ao sul. Como vimos, os estudos genéticos de povos indígenas nas Américas do Norte, Central e do Sul não conseguiram ligar os nativos americanos desses locais aos antigos hebreus. Ao mesmo tempo, estudos genéticos cuidadosos no Velho Mundo provaram ser capazes de ligar os Lemba do sul da África aos antigos hebreus.

### **O evento Galileo**

Recentemente, um editorial anônimo abordando o “papel problemático do teste de DNA em desvendar a história humana” apareceu no *Journal of Book of Mormon Studies*.<sup>83</sup> O editorialista pediu contra a identificação simplista dos israelitas com a cor da pele e características físicas. Acompanhando a coluna estava um conjunto de fotografias que ilustrava a variação física entre os “judeus” modernos. Os leitores foram encorajados a abordar a “nova luz” do DNA com um olhar cético e lembraram que os significados aplicados aos dados moleculares vêm dos cientistas, não do DNA. Embora tal pensamento crítico faça parte da investigação científica, o autor anônimo menosprezou o valor da pesquisa de análise molecular, chamando-o de “novo brinquedo na biologia e antropologia humanas”, e descartou as reconstruções moleculares da história humana como “temporárias, até mesmo uma moda passageira”. Ao fazer isso, o escritor exagerou o impacto das críticas que Rebecca Cann e seus colegas receberam após sua análise da variação do mtDNA em populações vivas. Estudos subsequentes apoiaram a interpretação de Cann e confirmaram uma migração recente de humanos modernos para fora da África; isso não foi reconhecido no editorial. Apesar do ceticismo geral em relação à pesquisa de DNA que foi sugerido no editorial, o escritor observou que “os dados de DNA confirmaram de forma decisiva as tradições Lemba de ancestralidade judaica,

seguido por um relatório favorável sobre as especulações dos baixos níveis de fluxo gênico entre índios americanos e polinésios pela Dra. Rebecca Cann - a mesma pessoa cujo trabalho mais fundamentado sobre as origens africanas dos quais o editorial lançou dúvidas. Esta atenção selecionada para alguns exemplos de fluxo gênico da América do Sul para a Polinésia enganou os leitores ao evitar a “conclusão cristalina de Sykes sobre o mtDNA polinésio de origem ancestral na costa da China ou Taiwan, há aproximadamente 20.000-30.000 anos.”<sup>84</sup>

Talvez o aspecto mais preocupante do artigo tenha sido sua falha em fornecer um resumo do status da pesquisa atual ou em abordar a ética da pesquisa que propôs. Levantou uma questão que permanecerá na mente de muitos leitores: “Então, há evidências de estudos de DNA de populações na América com características judaicas do Oriente?” O autor evitou responder mudando para uma discussão hipotética entre um filantropo que queria financiar pesquisas de DNA e um especialista molecular. Nesse encontro especulativo, o cientista desestimula o interesse levantando questões sobre a eficácia de tais estudos. Isso inclui a probabilidade de mudança biológica na América e no Oriente ao longo de 2.600 anos a partir da época de Leí, a possibilidade de que o partido de Leí não fosse geneticamente típico dos judeus em Jerusalém na época, ligações problemáticas entre etnicidade e biologia, o impacto do casamento misto entre os descendentes de Leí e os indígenas americanos, dificuldade em identificar descendentes diretos de Leí e apenas uma “chance distante de que algum dia possamos saber o suficiente para identificar (até mesmo) um grupo na América Central” por meio de laços culturais e linguísticos com o Oriente. Em um eco do tipo de ambivalência evidente na primeira metade do artigo, o autor então termina recomendando o estudo de



um misterioso grupo de índios mexicanos de suposta origem judaica identificado por Raphael Patai na década de 1930, mas aparentemente desconhecido para qualquer outro pesquisador.

Em um artigo baseado na web sobre “DNA e o Livro de Mórmon”, Cooper Johnson da Fundação para Informação e Pesquisa Apologética (FAIR) igualmente descarta a relevância da pesquisa genética para interpretar o Livro de Mórmon.<sup>85</sup> Com base em uma apresentação oral do geneticista da BYU Scott Woodward na FAIR Conference de 2001, Johnson conclui que os dados atuais do mtDNA “não nos fornecem absolutamente nada para basear nossas conclusões quanto à validade do Livro de Mórmon”. Como o editorialista da FARMS, Johnson falha em resumir os dados descobertos até o momento, embora enfatize sua incompletude e recomende cautela contra tirar conclusões precipitadas. Ele minimiza a importância do mtDNA e do cromossomo Y na composição genética de uma pessoa em relação ao autossômico (genes ou marcadores não ligados ao sexo no DNA nuclear) e enfatiza as dificuldades atuais envolvidas na extração do DNA antigo. Ele aceita a evidência esmagadora “de que as Américas estavam ocupadas bem antes da chegada de Leí, e usa a estrutura geográfica limitada para enfatizar o pequeno impacto que o partido de Leí teria sobre uma população muito maior. Ele então sugere incorretamente que se uma mãe carrega sem filhas, seu mtDNA “efetivamente chega a uma parada brusca”. Este cenário seria verdadeiro apenas se todas as irmãs, primas e outras pessoas que compartilharam cópias do mesmo mtDNA não tivessem filhos. Mais importante, Johnson insiste que tenta testar a validade do Livro de Mórmon usando apenas o mtDNA são baseados em uma hipótese doentia e inaceitável “porque eles questionam a constituição genética de Leí. Ele não nota que apenas as mulheres do grupo de Leí teriam passado seu

mtDNA para as gerações seguintes. Independentemente desse descuido, o ponto crítico que Johnson está fazendo é que um teste da validade do Livro de Mórmon usando dados genéticos precisa começar com alguma concepção da composição genética do partido de Leí, uma tarefa que ele vê como impossível.

Após a publicação do resumo do FAIR em 2002, Scott Woodward, fundador do MGRG da BYU, esclareceu sua visão a respeito do artigo de Johnson. Apesar de notar que ainda há muito trabalho a ser feito sobre a genética populacional das Américas, não seria surpresa para Woodward se os geneticistas não conseguissem encontrar nenhum traço de mtDNA da parte de Leí, dos Jareditas ou Mulequitas. Ele confirmou minha crítica às afirmações de Johnson observando que, se uma mulher sem filhos tivesse irmãs, a cópia do mtDNA da avó ainda estaria na população. Woodward expressou sua convicção de que as pessoas do Livro de Mórmon teriam feito uma contribuição “muito pequena” para o ponto genético “em comparação com o mtDNA pré-existente nas Américas”. Woodward defende o teste do Livro de Mórmon “com base em evidências internas” e acredita que a presença ou ausência de ligações genéticas com o Oriente nas Américas não é prova nem refutação do Livro de Mórmon.<sup>86</sup>

As preocupações metodológicas levantadas em FARMS, FAIR e MGRG são comparáveis àquelas abordadas e superadas por Bradman. Thomas e seus colegas em seu estudo sobre os Lemba e cujo sucesso oferece esperança ao editorialista anônimo de que o FARMS, ou talvez o MGRG, pode igualmente identificar um grupo na América Central com paralelos culturais e linguísticos que poderiam ser testados. Os autores do FARMS e do FAIR exageram na probabilidade de mudança biológica nas Américas nos últimos 2.600 anos. Eles aparentemente desconhecem a pesquisa de Dennis O'Rourke, da Universidade de Utah, que

revelou a tendência do antigo mtDNA americano de refletir os mesmos padrões de distribuição evidentes nas populações indígenas contemporâneas.<sup>87</sup> Além disso, ambos os artigos falham em reconhecer o conjunto comum de marcadores no cromossomo Y compartilhado por populações judias e não judias no Oriente Médio e sua continuidade em comunidades difundidas da diáspora judaica.<sup>88</sup> Ao contrário das opiniões expressas por esses autores, não é necessário saber o genótipo exato de Leí, Sariah ou outros membros de seu partido, apenas para concluir razoavelmente que eles teriam sido mais como judeus e não judeus no Oriente Médio do que como as populações siberianas na Ásia.

Em suas tentativas bem-vindas, mas insatisfatórias, de fornecer explicações plausíveis para a falta de evidência genética para israelitas nas Américas, os autores e o principal geneticista da BYU rejeitam implicitamente as crenças populares Mórmons de longa data, incluindo aquelas defendidas por Joseph Smith, sobre os lamanitas serem os ancestrais de índios americanos de hoje. Esta mudança nos fundamentos das crenças mórmons sobre os índios, chamada de “evento Galileu” por Brent Metcalfe, pode provar ser o resultado histórico mais importante da luta com dados genéticos.<sup>89</sup>

### **Ética da Pesquisa Genética**

A organização do Projeto de Diversidade do Genoma Humano (HGDP) em meados de setembro de 1993 levou a um clamor de que estava sendo organizado sem a consulta dos povos indígenas. O HGDP buscou a coleta de dados moleculares para mapear a história e geografia da espécie humana. A divergência foi veiculada em uma declaração pública em 20 de outubro de 1993 do Centro de Informação do Índio Sul e Mesoamericano (CIISM)

que questionava a ética da pesquisa sem supervisão dos povos cujos genes estariam sujeitos a coleta e estudo. Isso resultou em fundos públicos limitados de pesquisa para o HGDP. Embora o SAIC tenha reconhecido os benefícios potenciais para a saúde das investigações genéticas, também viu abusos em potencial.<sup>90</sup> Com sua grande doação privada, o MGRG é menos dependente de financiamento público e supervisão do que o HGDP. Embora esteja sujeito ao Comitê de Revisão Institucional de Assuntos Humanos da BYU, o MGRG foi criticado por contornar a revisão de ética local na Nova Zelândia.<sup>91</sup>

Estudiosos nativos americanos proeminentes levantaram questões éticas relacionadas ao Livro de Mórmon e à pesquisa genética na BYU. Cherokee Jace Weaver da Universidade de Yale se opõe ao Livro de Mórmon como uma perpetuação da velha calúnia de que os nativos americanos eram descendentes das Dez Tribos Perdidas de Israel, uma crença perpetuada por aqueles que não podiam aceitar que os povos indígenas pudessem desenvolver qualquer grau de civilização ‘sem fertilização do Velho Mundo’.<sup>92</sup> Em um artigo do Financial Times reimpresso na primeira página do Indian Country Today, Tom Goldtooth da Rede Ambiental Indígena se referiu ao evangelismo Mórmon e aos planos da FARMS para buscar evidências de uma ligação genética entre Os índios americanos e o antigo Israel como “doutrinação etnocida”; ele prometeu tomar as medidas apropriadas caso tais esforços continuem.<sup>93</sup> Embora a pesquisa atual indique a improbabilidade de que o FARMS vá promover essa afirmação, o uso potencial de dados genéticos para promover uma visão que muitos nativos consideram invasiva e racista é uma preocupação que precisará ser tratada mais detalhadamente no futuro na BYU.<sup>94</sup>











Página anterior, acima e abaixo:  
George Catlin, Caçada de cervo sob a luz de tochas em canoas de súber (Trad.  
Livre), 1846-1848, óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/deer-hunting-torchlight-bark-canoes-4026>







Página anterior:  
George Catlin, Vista aérea da vila Mandan, a 1800 milhas de St. Louis (Trad.  
Livre), 1837-1839, óleo sob tela, Museu Smithsonian de Arte Americana  
Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/birds-eye-view-mandan-village-1800-miles-above-st-louis-3922>



## CONCLUSÃO

Antes do surgimento da antropologia molecular, John L. Sorenson antecipou a utilidade e a futilidade dos tipos de testes moleculares que agora estão disponíveis:

Se algum investigador encontrar novos métodos para buscar pesquisas sobre as “linhas de sangue” de um determinado indivíduo, família ou pessoa, ele ou ela possa descobrir que alguns nativos americanos descendem diretamente dos nefitas dos tempos antigos, que alguns descendem em parte de outros do grupo de Leí ou Muleque, que alguns são de origem Jaredita e que outros ainda não têm nenhuma conexão perceptível com qualquer um deles. Métodos científicos, genealógicos ou históricos não estão disponíveis; mas, mais importante, as escrituras indicam que os resultados não importariam no que diz respeito à Igreja e ao evangelho.<sup>95</sup>

Agora que os métodos científicos quantitativos podem de fato testar a presença genética israelita na América antiga, aprendemos, em vez disso, que virtualmente todos os nativos americanos podem rastrear suas linhagens até as migrações asiáticas entre 7.000 e 50.000 anos atrás. Embora os antropólogos moleculares tenham a capacidade tecnológica de identificar os descendentes dos antigos hebreus, nenhum traço de tais marcadores de DNA apareceu na América Central ou em qualquer outro lugar entre os nativos americanos. Em última instância, como Sorenson observou, essas descobertas podem não importar para os santos dos últimos dias, que têm um testemunho espiritual da veracidade do Livro de Mórmon. No entanto, as descobertas alertam contra a confusão de um testemunho espiritual com evidência científica. Testemunhas espirituais podem ir além da ciência, mas não devem ser confundidas com ela.

De uma perspectiva científica, a origem do Livro de Mórmon está melhor situada na América do início do século XIX, e a genética lamanita só pode ser rastreada historicamente até 1828.<sup>96</sup> O termo lamanita é uma designação social e política moderna que carece de um fundamento biológico ou histórico verificável que o vincule aos antigos índios americanos.<sup>97</sup>

O Livro de Mórmon surgiu de uma perspectiva pré-guerra, fora da luta de um povo americano de fronteira com seu deus, e não de uma perspectiva indígena autêntica. Como mórmons, temos a obrigação moral e ética de descontinuar essa visão das origens dos nativos americanos e repudiar publicamente o ensino ofensivo de que a pele escura é uma característica física da maldição de Deus.

Em 1973, depois de pesar as evidências arqueológicas contra a antiguidade do Livro de Mórmon, Michael Coe implorou aos santos dos últimos dias:

Esqueça a busca infrutífera até agora pelos Jareditas, nefitas, mulequitas e as terras de Zarahemla e Abundância; não há mais chance de encontrá-los do que de descobrir as ruínas do poço sem fundo descrito no livro do Apocalipse. ... Continue as escavações louváveis no México, lembrando que pouco ou nada pertencente ao Livro de Mórmon jamais resultará deles. E comece a cavar nos vestígios arqueológicos dos próprios santos.<sup>98</sup>

Ao entrarmos no século XXI, gostaria de oferecer conselhos semelhantes. Podemos continuar nossa impressionante pesquisa genealógica e devemos utilizar as tecnologias genéticas mais recentes para aumentar a precisão e exatidão de nossas descobertas. Mas acredito que devemos evitar uma busca infrutífera para ligar as origens dos nativos americanos ao Oriente Médio. Há tanta chance de encontrar provas genéticas de uma civilização Leíta nas Américas quanto haveria de encontrar as placas de ouro do Livro de Mórmon.



Acima e próxima página:  
George Catlin, Cervos e búfalos pastando entre flores  
campestres, Texas (Trad. Livre), 1846-1848, óleo sob tela,  
Museu Smithsonianiano de Arte Americana  
Disponível em:  
[https://americanart.si.edu/artwork/elk-and-buffalo-grazing-  
among-prairie-flowers-texas-4047](https://americanart.si.edu/artwork/elk-and-buffalo-grazing-among-prairie-flowers-texas-4047)













Nesta página:  
George Catlin, Batalhão de guerra Comanche em  
marcha, completamente equipados (Trad. Livre),  
1846-1848, óleo sob tela, Museu Smithsonian  
de Arte Americana

Disponível em:  
<https://americanart.si.edu/artwork/comanche-war-party-march-fully-equipped-4014>



## POSFÁCIO

Membros de A IJCSUD, no mundo inteiro, são ensinados que O Livro de Mórmon é um Registro Histórico de um grupo de pessoas que saiu de Jerusalem e chegou às Américas em aproximadamente 600 A.C., e que dá conta da origem do Índio Americano. De acordo com os registros encontrados no livro, Deus guiou, orientou aquele povo e levantou profetas no meio dele. A visita pessoal de Jesus Cristo após sua morte e ressurreição também é afirmada como um acontecimento real.

Desde o surgimento do mormonismo essas falácias são proclamadas como “fatos históricos”. O Livro de Mórmon é ainda considerado a pedra angular do mormonismo. Graças ao avanço da ciência, em um estudo de DNA sobre a origem do Índio Americano, como também estudos antropológicos da vida nas Américas, no período em que aquele povo teria vivido aqui, temos hoje acesso à verdade: O Livro de Mórmon poderia até servir como um guia espiritual para os fiéis membros da Igreja, mas é uma questão de honestidade e integridade moral por parte de sua liderança, endossar a ciência e reconhecer essa “obra literária” pelo que ela realmente é: Ficção. Ou seja, personagens e acontecimentos originados e/ou compilados da criação do fundador do movimento, Joseph Smith Jr, na primeira metade do século XIX.

Vânia Moore - Salt Lake City, 23 de maio de 2021.





## REFERÊNCIAS

Gostaria de agradecer aos seguintes por sua correspondência útil, comentários e sugestões: Edward Ashment, Bryan Bean, Sterling Fluharty, Armand Mauss, Jenny McFarland, Jeffrey Meldrum, Brent Metcalfe, Tara Metcalfe, Kerrie Murphy, Simon Southerton, Trent Stephens, Dan Vogel, Scott Woodward e David Wright. Todas as conclusões, julgamentos e erros potenciais neste ensaio são meus.

1 Jeffrey P. Haney, "Y. Researcher Curious about Your Bloodlines", *Deseret News*, 15 de agosto de 2000; Lindsay Palmer e Roger Bryner, "Ethical Issues Surround DNA Research," newsnet @ BYU, 28 de março de 2000; Carolyn Peterson, "BYU's Genealogy-through-DNA Research Getting Boost from New DNA Research," newsnet @BYU, 28 de junho de 2000; Allison Jones, "Y Molecular Group Works on Worldwide Family Tree," newsnet @ BYU, 18 de novembro de 2000. Ver também <http://molecular-genealogy.byu.edu>.

2 A análise de DNA despertou a curiosidade pública sobre se Thomas Jefferson teria filhos com sua escrava Sally Hemings. Veja os recursos online fornecidos pela Fundação Thomas Jefferson ("Jefferson-Hemings DNA Testing: An On-Line Resource em [www.monticello.org](http://www.monticello.org)) e Philip W. Hendrick, *Genetics of Populations* (Sudbury, MA: Jones and Bartlett Publishers, 2000), 389,90.

3 A extensão em que a análise de DNA fornece um portal para o passado é ilustrada em Bryan Sykes, *The Seven Daughters of Eve: The Science That Reveals Our Genetic Ancestry* (Nova York: W. W. Norton & Company, 2001).

4 Dan Egan, "BYU Gene Data pode dar uma luz sobre a origem dos lamanitas do Livro de Mórmon", *Salt Lake Tribune*, 30 de novembro de 2000; também Simon Southerton, "DNA Genealogies of American Indians and the Book of Mormon", 17 de março de 2000, recuperado em 20 de dezembro de 2000 em [www.exmormon.org](http://www.exmormon.org); Jonathan Higbee, "Where Is the Lamanite DNA?" recuperado em 27 de julho de 2000 em [www.geocities.com / Atenas/ Aegean / 9636 / tract / dna\\_additional.htm](http://www.geocities.com/Atenas/Aegean/9636/tract/dna_additional.htm). Apesar da falta geral de evidências de apoio, pelo menos um pesquisador da Fundação Research and Mormon Studies

(FARMS) encontrou motivos para otimismo na pesquisa linguística. Ver Brian D. Stubbs, "Hebraico e Uto Azteca: Conexões Linguísticas Possíveis", Reexplorando o Livro de Mórmon, ed. John W. Welch (Salt Lake City: Deseret Book and FARMS, 1992), 279-81.

5 Embora seja possível encontrar semelhanças fortuitas em locais únicos, elas devem ser vistas em um quadro maior. Kenneth K. Kidd et al., Por exemplo, relatam frequências preliminares para três sistemas de alelos, observando que "[esses] dados deixam claro que tentar chegar a conclusões sobre as relações populacionais a partir de um único loci é muito arriscado. Judeus romanos são a maioria como tribos da Bacia Amazônica em APOB e SST, mas a maioria como cambojanos em D2055. Obviamente, essas semelhanças de frequência de gene não podem indicar afinidades populacionais próximas." Kenneth K. Kidd et al., "Nuclear DNA Polymorphism and Population Relationships," em Genetic Diversity between Jews: Diseases and Markers at the DNA Level, eds. Batsheva Bonnè-Tamir e Avinoam Adam (Nova York: Oxford University Press, 1992), 37.

6 Southerton, "DNA Genealogies".

7 Robert Jurmain et al., Introdução à Antropologia Física (8ª ed.; Belmont, CA: Wadsworth, 2000), 44-45. As mitocôndrias são organismos independentes que vivem simbioticamente no corpo humano dentro de cada célula humana, embora fora do núcleo. Como os espermatozoides consistem apenas de material nucléico, as mitocôndrias são transferidas para a próxima geração humana através do óvulo da mãe.

8 Douglas Steinberg, "Genetic Variation Illuminates Murky Human History: Molecular Anthropologists Use DNA Markers to Chart Evolution and Migration," The Scientist 14-15 (julho de 2000) página 10.

9 Jared Diamond, O Terceiro Chimpanzé: A Evolução e o Futuro do Animal Humano (Nova York: HarperCollins, 1992), 25.

10 Ver A. C. Wilson e V. M. Sarich, "A Molecular Time Scale for Human Evolution", Proceedings of the National Academy of Sciences, USA 63 (1969): 1088-93; e CG Sibley e JE Ahlquist, "The Phylogeny of the Hominid Primates as Indicated by DNA-DNA Hybridization", Journal of Molecular Evolution 20 (1984): 2-15, citado por Luigi Luca Cavalli-Sforza et al., The History and Geography of Human Genes (edição abreviada; Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994), 86.

11 Michael D. Lemonick e Andrea Dorfman, "One Giant Step for Mankind: Meet Your Newfound Ancestor, a Chimplike Forest Creature That S Standing Up and Walked 5,8 Million Years ago," Time, 23 July 2001, 54-61.



12 Jurmain et al., *Introdução à Antropologia Física*; Roger Lewin, *The Origin of Modern Humans* (Nova York: Scientific American Library, 1998). Para uma apresentação incisiva da nova mídia sobre a evolução humana, consulte o site “Be Coming Human,” [www.becominghuman.org](http://www.becominghuman.org).

13 Allan C. Wilson e Rebecca L. Cann, “The Recent African Genesis of Humans: Genetic Studies Reveal That an African Woman of 200,000 Years Ago Was Our Common Ancestor”, *Scientific American* (abril de 1992), 68-73. Para um ponto de vista alternativo, consulte Alan G. Thorne e Milford H. Wolpoff, “The Multiregional Evolution of Humans: Both Fossil and Genetic Evidence Argue that Various Human Groups Arose Where They Are Found Today,” *Scientific American* (abril de 1992), 76-83. Ver também Christopher B. Stringer, “The Emergence of Modern Humans”, *Scientific American* (dezembro de 1990), 98-104.

14 Robert S. Corruccini, “Reaganomics and the Fate of the Progressive Neanderthals,” *Integrative Paths to the Past: Paleoanthropological Advances in Honor of F. Clark Howell*, eds. R.S. Corruccini e R. L. Ciochon (Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1994), 697-708; Glenn C. Conroy, *Reconstructing Human Origins: A Modern Synthesis* (Nova York: Norton, 1997).

15 Max Ingham et al., “Mitochondrial Genome Variation and the Origin of Modern Humans”, *Nature*, 7 de dezembro de 2000, 708-713; Cavalli-Sforza et al., *History and Geography of Human Genes*, 89.

16 Matthias Krings et al., “Neanderthal DNA Sequences and the Origin of Modern Humans”, *Cell* 90 (1997): 19-30; Ryk Ward e Chris Stringer, “A Molecular Handle on the Neanderthals”, *Nature*, 17 de julho de 1997, 225-26; Igor V. Ovchinnikov et al., “Molecular Analysis of Neanderthal DNA from the Northern Caucasus”, *Nature*, 30 Mar. 2000, 490-93.

17 Alan R. Templeton, “Out of Africa Again and again”, *Nature*, 7 de março de 2002, 45-51.

18 Luigi Luca Cavalli-Sforza, *Genes, Peoples, and Languages* (Nova York: North Point Press, 2000), 61-63. Para uma discussão que data a primeira migração há 15.000 anos, consulte Ryk Ward, “Language and Genes in the Americas”. *The Human Inheritance: Genes, Language, and Evolution*, ed. Bryan Sykes (Oxford: Oxford University Press, 1999), 135-57.

19 Anthony Pagden, *European Encounters with the New World* (New Haven, CT: Yale University Press, 1993); Stephen Greenblatt, *Marvelous Possessions: The Wonder of the New World* (Chicago: University of Chicago Press, 1991); Fernando Cervantes, *O Diabo no Novo Mundo* (New Haven, CT: Yale University Press, 1994); Elsa Cecilia Frost, “Índios e Teólogos: Teólogos Espanhóis do Século XVI e seu Conceito de Alma Indígena”, *Espiritualidade Nativa Sul*

e Mesoamericana: Do Culto da Serpente Emplumada à Teologia da Libertação, ed. Gary H. Gossen (Nova York: Crossroad Publishing Company, 1993), 119-39.

20 Thomas Paine, *The Age of Reason*, Parte I (Nova York: Macmillan Publishing Company, 1957 [1794]).

21 Robert N. Hullinger, *Joseph Smith's Response to Skepticism* (Salt Lake City: Signature Books, 1992). Como Ed Ashment gentilmente me lembrou, o Livro de Mórmon é muito mais do que uma resposta ao ceticismo; é também uma condenação da Maçonaria; uma teoria da origem dos ameríndios, todos eles; uma condenação da poligamia bíblica; uma afirmação de que o Cristianismo sempre existiu, de que não evoluiu a partir do Judaísmo; uma declaração de uma trindade homousiana; um defensor da predestinação (disfarçado como 'presciência'); etc. "(comunicação privada).

22 Joseph Smith, "Church History", *Times and Seasons* 3 (março de 1842) 706-710, em Dean C. Jessee, ed., *The Papers of Joseph Smith, Volume 1: Autobiographic and Historical Writings* (Salt Lake City : Deseret Book, 1989), 437.

23 John L. Brooke, *The Refiner's Fire: The Making of the Mormon Cosmology* (Nova York: Cambridge University Press, 1994), 198. Para um argumento mais sustentado para o literalismo de Joseph Smith e suas implicações, ver William D. Rus. vender, "Beyond Literalism", em *The Word of God: Essays on Mormon Scripture*, ed. Dan Vogel (Salt Lake City, 1990), pp. 43-54.

24 David H. Bailey, "Ciência e Mormonismo: Passado, Presente, Futuro," *Diálogo: Um Jornal de Pensamento Mórmon* 29 (Primavera 1996): 80-96.

25 Embora não tenha sido publicado até bem depois de sua morte, o melhor exemplo da apologia de Roberts a esse respeito é Brigham H. Roberts, *The Truth, the way, the Life: An Elementary Treatise on Theology* (San Francisco: Smith Research Associates, 1994 )

26 Bailey, "Science and Mormonism", 82-83.

27 Armand L. Mauss, *The Angel and the Beehive: The Mormon Struggle with Assimilation* (Urbana: University of Illinois Press, 1994).

28 Bailey, "Science and Mormonism", 85.

29 As lutas pessoais de dois professores SUD na Idaho State University são descritas em um novo livro; ver Trent D. Stephens e D. Jeffrey Meldrum, *Evolution and Mormonism: A Quest for Understanding* (Salt Lake City: Signature Books, 2001). Eles participaram comigo de um painel de discussão, "DNA e identidade lamanita: um evento de Galileu", moderado por Brent Metcalfe no Simpósio de 2001 em Salt Lake City Sunstone.

30 Papa João Paulo II, “Mensagem à Pontifícia Academia de Ciências, citada em Stephens e Meldrum, que usam o abraço do Papa da evolução para ilustrar a necessidade de mudar nosso pensamento e visões de mundo” à luz de “novos e crescentes dados” (Stephens e Meldrum, op. cit., 79-80).

31 31. Visões gerais de algumas das últimas pesquisas arqueológicas sobre as origens dos nativos americanos incluem Robson Bonnichsen e D. Gentry Steele, *Método e Teoria para Investigar o Povoamento das Américas* (Corvallis, OR: Centro para o Estudo dos Primeiros Americanos, 1994); Robson Bonnichsen e Karen L. Turnmire, *Povos da Idade do Gelo da América do Norte: Ambientes, Origens e Adaptações dos Primeiros Americanos* (Corvallis, OR: Oregon State University Press, 1999); Thomas D. Dillehay, *The Settlement of America: A New Prehistory* (Nova York: Basic Books, 2000). Para uma crítica da arqueologia a partir de uma perspectiva dos nativos americanos, consulte Vine Deloria Jr., *Red Earth, White Lies: Native Americans and the Myth of Scientific Fact* (Nova York: Scribner, 1995).

32 Michael Coe, “Mórmons e Arqueologia: Uma Visão Externa”, *Dia. logue: A Journal of Mormon Thought* 8 (verão de 1973): 40-48. Ver também Edward H. Ashment, ‘Na Língua de Meu Pai’: Evidência do Antigo Egito e Hebraico no Livro de Mórmon, “em *Novas Abordagens do Livro de Mórmon em Explorações de Metodologia Crítica*”, ed. Brent Lee Metcalfe (Salt Lake City: Sig. Nature Books, 1993), 329-93.

33 Dee F. Green, “Livro de Arqueologia Mórmon: Os Mitos e as Alternativas”, *Diálogo: Um Diário de Pensamento Mórmon* 4 (Verão de 1969): 71-80; Deanne G. Matheny, “Does the Shoe Fit? A Critique of the Limited Tehuantepec Geography”, em *New Approaches to the Book of Mormon*, 269-328. Ver também Hampton Sides, “This Is Not the Place”, *DoubleTake* 5 (Spring 1999): 46-55.

34 B. H. Roberts, *Estudos do Livro de Mórmon*, ed. Brigham D. Madsen (Salt Lake City: Signature Books, 1992); Stan Larson, *Quest for the Gold Plates: Thomas Stuart Ferguson’s Archaeological Search for the Book of Mórmon* (Salt Lake City: Freethinker Press and Smith Research Associates, 1996). Por outro lado, organizações como a FARMS publicam regularmente trabalhos que acreditam validar reivindicações antigas.

35 Egan, “BYU Gene Data.”

36 Suzan Mazur, “Mormons in the Olympic Spotlight: Polygamy and Scripture Threaten Steal Steal Some of the Thunder from the Winter Games in Utah,” *Financial Times*, 9 de fevereiro de 2002, recuperado em 10 de fevereiro de 2002 de <http://globalarchive.ft.com>.



37 Michael Crawford, *The Origins of Native Americans: Evidence from Anthropological Genetics* (Nova York: Cambridge University Press, 1998), 3-4. Ele oferece uma perspectiva incisiva, embora omita algumas pesquisas recentes e se concentre principalmente nas populações nativas da América do Norte.

38 "Introdução", *O Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo* (Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, versão de 1981).

39 Crawford, *The Origins of Native Americans*, 4-7.

40 Ver DC Wallace et al., "Dramatic Founder Effects in Amerindian Mitochondrial DNAs, *American Journal of Physical Anthropology* 68 (1985): 149-55; e TG Schurr et al., "Amerindian Mitochondrial DNAs Have Rare Asian Mutations at High Frequencies Sugerindo um número limitado de fundadores, *American Journal of Human Genetics* 46 (1990): 613-23, citado em Antonio Torroni, "Mitochondrial DNA and the Origin of Native Americans, *America Past, America Present: Genes and Languages in the Americas and Beyond*, ed. Colin Renfrew (Cambridge, Reino Unido: McDonald Institute for Archaeological Research, 2000), 77-87.

41 Torroni, "Mitochondrial DNA", 79.

42 Joseph Greenberg, *Language in the Americas* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1987).

43 Ver Cavalli-Sforza et al., *History and Geography of Human Genes*; Cavalli-Sforza, *Genes, Peoples and Languages*.

44 Ver Renfrew, *America Past, America Present*. 45. Cavalli-Sforza, *Genes, Peoples, and Languages*, 136. 46. *Ibid.* 47. Sykes, *Seven Daughters of Eve*, 281-83. 48. Torroni, "Mitochondrial DNA", 81-83.

45 Cavalli-Sforza, *Genes, Peoples, and Languages*, 136.

46 *Ibid.*

47 Sykes, *Seven Daughters of Eve*, 281-83.

48 Torroni, "Mitochondrial DNA", 21-83.

49 *Ibid.*, 85.

50 Michael D. Brown et al., "MtDNA Haplogroup X: An Ancient Link between Europe / Western Asia and North America?" *American Journal of Human Genetics* 63 (dezembro de 1998) páginas 1852-61.

51 Torroni, "Mitochondrial DNA", 81-83.

52 Theodore G. Schurr, "Mitochondrial DNA and the Peopling of the New World", *American Scientist* 88/3 (2000): 246-53.

53 Brown et al., "MtDNA Haplogroup X", 1852.

54 Sykes, *Seven Daughters of Eve*, 213-20, 274, 281.

55 Ver John L. Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Salt Lake City: Desert Book Company, 1996), para um

argumento a favor de uma geografia limitada e um resumo da visão hemisférica. Para um exemplo de interesse SUD no haplogrupo X, consulte Jeff Lindsay, "Genes Linking Eurasians and Native Americans", obtido em 20 de dezembro de 2000 em [www.jefflindsay.com](http://www.jefflindsay.com).

56 "Problemática do papel do teste de DNA em desvendando a história humana, *Journal of Book of Mormon Studies* 9/2 (2000): 69-70.

57 Ver Schurr, "Mitochondrial DNA", 246.

58 Miroslava V. Derenko et al., "The Presence of Mitochondrial Haplogroup X in Altaians from South Siberia," *American Journal of Human Genetics* 69 (julho de 2001): 237.

59 Mazur, "Mormons in the Olympic Spotlight."

60 A herança genética pode na verdade ser mais complexa do que simplesmente XX ou XY, e muitos indivíduos intersexuais herdam diferentes variações de até quatro cromossomos X e Y. Para um comentário interessante sobre a resposta médica dos EUA a tal ambigüidade, consulte Martha Coventry, "Making the Cut: It's a Girl! ... Or Is It? When There Doubt, Why Are Surgeons Calling the Shots?" *Ms Magazine*, Out./Nov. 2000, recuperado em 20 de dezembro de 2000 em [www.ms magazine.com](http://www.ms magazine.com).

61 E. S. Poloni et al., "Human Genetic Affinities for Y-Chromosome P49a, f / Taq I Haplotypes Show Strong Correspondence with Linguistics", *American Journal of Human Genetics* 61 (novembro de 1997): 1015-35.

62 L. B. Jorde et al., "The Distribution of Human Genetic Diversity: A Comparison of Mitochondrial, Autosomal, and Y-Chromosome Data", *American Journal of Human Genetics* 66 (março de 2000): 979-88.

63 Fabrício Santos et al., "The Central Siberian Origin for Native American Y Chromosomes," *American Journal of Human Genetics* 64 (fevereiro de 1999): 619-28; Nestor Bianchi et al., "Origin of Amerindian Y-Chromosomes as Inferred by the Analysis of Six Polymorphic Markers", *American Journal of Physical Anthropology* 102 (Jan. 1997): 79-89.

64 T. M. Karafet et al., "Ancestral Asian Source (s) of New World Y-Chromosome Founder Haplotypes," *American Journal of Human Genetics* 64 (março de 1999): 817-31.

65 Bernd Herrmann e Susanne Hummel, eds., *Ancient DNA* (New York: Springer, 1994).

66 Shawn W. Carlyle et al., "Context of Maternal Lineages in the Greater Southwest," *American Journal of Physical Anthropology* 118 (Set. 2000): 85-101; Dennis H. O'Rourke et al., "Ancient DNA: Methods, Progress, and Perspectives," *American Journal of Human Biology* 8/5 (1996): 557-71.

67 Carlyle et al., *Op. cit.*; O'Rourke et al., "Ancient DNA", 557-71; Ryan L. Parr et al., "Ancient DNA Analysis of Fremont Amerindians of the Great Salt Lake Wetlands," *American Journal of Physical Anthropology* 99 (abril de 1996): 5075-18; Anne C. Stone e Mark Stoneking, "Análise de mtDNA de uma População de Oneota Prehistoric: Implications for the Peopling of the New World", *American Journal of Human Genetics* 62 (abril de 1998) páginas 1153-70.

68 D. Andrew Merriwether et al., "Ancient and Contemporary Mitochondrial DNA Variation in the Maya", em *Bones of the Maya: Studies of Ancient Skeletons*, eds. Stephen L. Whittington e David M. Reed (Washington: Smithsonian Institution Press, 1997), 208-217.

69 Cavalli-Sforza, *Genes, Peoples, and Languages*; Cavalli-Sforza et al., *History and Geography of Human Genes*; Sykes, *sete filhas de Eva*; Templeton, "Out of Africa".

70 Nathan A. Ellis, "The Ashkenazic Jewish Bloom Syndrome Mutation *blmAsh* Is Present in Non-Jewish Americans of Spanish Ancestry", *American Journal of Human Genetics* 63 (dezembro de 1998): 1685-93; Luis Carvajal Carmona et al., "Forte preconceito sexual ameríndio / branco e uma possível contribuição sefardita entre os fundadores de uma população no noroeste da Colômbia", *American Journal of Human Genetics* 67 (novembro de 2000): 1287-95. Para um relato intrigante das tentativas dos cristãos castelhanos de expulsar a heterogeneidade judaica e muçulmana da Península Ibérica e sua tendência de tratar os indígenas americanos como judeus e mouros (com implicações para a busca dos amerisraelitas), ver Tzvetan Todorov, *The Conquest of America* (Nova York: Harper Perennial, 1984). Ver Bonné -Tamir e Adam, eds., *Diversidade Genética entre Judeus*.

71 Sorenson, *An Ancient American Setting*, 93. Ver também Connie Kolman e Noreen Tuross, "Ancient DNA Analysis of Human Populations", *American Journal of Physical Anthropology* 111 (janeiro de 2000): 5-23.

72 Neil Bradman et al., "The Genetic Origins of Old Testament Priests," *America Past, America Present*, 31-44.

73 Ver Neil Bradman e Mark Thomas, "Why Y? The Y Chromosome in the Study of Human Evolution, Migration, and Prehistory", *Science Spectra* 14 (1998).

74 Bradman e Thomas, "Why Y?"; Mark G. Thomas et al., "Y Chromosomes Travelling South: The Cohen Modal Haplotype and the Origins of the Lemba, the 'Black Jew' of Southern Africa, *American Journal of Human Genetics* 66 (fevereiro de 2000): 674-86.

75 Michael F. Hammer et al., "Populações Judaicas e Não-Judaicas do Oriente Médio compartilham um ponto comum de haplótipos



bialélicos do cromossomo Y”, *Proceedings of the National Academy of Sciences USA*, 97 (junho de 2000): 6769-6774.

76 Mazur, “Mórmons in the Olympic Spotlight.”

77 Ver “Introdução”, *O Livro de Mórmon*.

78 Os santos dos últimos dias interessados podem acompanhar o debate em *Brigham Young University Studies*, *Diálogo: Um Diário do Pensamento Mórmon*, *FARMS Review of Books*, *Diário de Estudos do Livro de Mórmon* e *Sunstone*. Recursos online podem ser encontrados em [farmsresearch.com](http://farmsresearch.com), [mormoncentral.com](http://mormoncentral.com), [mormonscripturestudies.com](http://mormonscripturestudies.com) e [religioustolerance.org/lds\\_migr.htm](http://religioustolerance.org/lds_migr.htm). Os principais exemplos do debate entre os estudiosos SUD são Metcalfe, org., *New Approaches to the Book of Mórmon*; Roberts, *Estudos do Livro de Mórmon*; Sorenson, *An Ancient American Setting*; Vogel, ed., *The Word of God*; Noel B. Reynolds, ed., *Livro de Mórmon Autoria revisitada: The Evidence for Ancient Origins* (Provo, UT: FARMS, 1997); e Mark D. Thomas, *Digging in Cumorah: Reclaiming Book of Mormon Narratives* (Salt Lake City: Signature Books, 1999).

79 Sorenson, *An Ancient American Setting*, 55. Para uma crítica arqueológica desta perspectiva, ver Matheny, “Does the Shoe Fit? A Critique of the Limited Tehuantepec Geography,” em *New Approaches to the Book of Mormon*, 269-328. Ver também Dennis Tedlock, trad., *Popol Vuh* (New York: Touchstone, 1996). Para discussões sobre as interpretações mórmons maias e ladinas do *Popol Vuh* e do *Livro de Mórmon*, consulte Thomas W. Murphy, “Reinventing Mormonism: Guatemala as a Harbinger of the Future?” *Diálogo: A Journal of Mormon Thought* 29 (primavera de 1996): 177-92.

80 William T. Hamblin, “An Apologist for the Critics: Brent Lee Metcalfe’s Assumptions and Methodologies”, *Revisão de Livros sobre o Livro de Mórmon* 6/1 (1994): 476.

81 Sorenson, *An Ancient American Setting*, 93-94.

82 Ver Shaye J. D. Cohen, *The Beginnings of Jewishness: Boundaries, Varieties, Uncertainties* (Berkeley: University of California Press, 1999); E. Theodore Mullen Jr., *Mitos Étnicos e Fundações do Pentateuco: Uma Nova Abordagem para o For. mação do Pentateuco* (Atlanta, GA: Scholar’s Press and the Society of Biblical Literature, 1997); E. Theodore Mullen Jr., *Narrative History and Ethnic Boundaries: The Deuteronomistic Historian and the Creation of Israelite National Identity* (Atlanta, GA: Scholars Press and the Society of Biblical Literature, 1993).

83 “The Problemática Role of DNA Testing in Unraveling Human History”, *Journal of Book of Mormon Studies* 9/2 (2000): 66-74.

84 Sykes, *The Seven Daughters of Eve*, 101. O escritor anônimo do FARMS parece não estar ciente dos avanços recentes sobre a questão de saber se os nativos americanos migraram para a Polinésia. Matthew E. Hurles e colegas, incluindo Bryan Sykes, a quem o autor do FARMS cita com aprovação, observam que seu estudo dos cromossomos Y da Polinésia não forneceu “nenhuma evidência de uma contribuição dos nativos americanos para o ponto cromossômico Y da Polinésia” (ME Hurles et al. “European Y-Chromosomal Lineages in Polynesians: A Contrast to the Population Structure Revealed by mtDNA,” *American Journal of Human Genetics* 63 [dezembro de 1998]: 1793-1806). Ver também Martin Richards et al., “MtDNA Suggest Polynesian Origins in Eastern Indonesia”, *American Journal of Human Genetics* 63 (outubro de 1998): 1234-37. Claro, mesmo que tal evidência existisse, os marcadores genéticos comuns da Polinésia e dos Ameríndios ainda são de origem asiática.

85 Cooper Johnson, “DNA and the Book of Mórmon”, recuperado em 3 de abril de 2002, [www.fair-lds.org/apol/bom\\_bom01.html](http://www.fair-lds.org/apol/bom_bom01.html).

86 Scott Woodward para Tom Murphy, “Re: Clarification of FAIR Article”, e-mail pessoal, 9 de abril de 2002.

87 D. H. O'Rourke et al., “Spatial and Temporal Stability of mtDNA Haplogroup Frequencies in Native North America”, *Human Biology* 72/1 (2000): 15-34.

88 Hammer et al., “Jewish and Middle Eastern Non-Jewish Populations.”

89 Um painel de biólogos e antropólogos SUD, Trent D. Stephens, D. Jeffrey Meldrum e eu, enfatizamos mais explicitamente a necessidade de descartar a reivindicação de ancestralidade lamanita para índios americanos no Simpósio de Pedra Solar de Salt Lake City de 2001 (“DNA e Lamanita Identity: A Galileo Event”).

90 Cópias de declarações da SAIC, bem como respostas de participantes do HGDP, podem ser encontradas em “Native Net, Human Genome Diversity Project Articles from Native-L”, recuperado em 5 de setembro de 2000 em <http://nativenet.uthsca.edu/nl/hgdp.html>. Consulte também Morrison Institute for Population and Resource Studies, “Human Genome Diversity Project Frequently Asked Questions,” recuperado em 8 de setembro de 2000 em [www.Stanford.edu/group/morrinst/hgdp/faq.html](http://www.Stanford.edu/group/morrinst/hgdp/faq.html)

91 Martin Johnston, “Mormons Trigger NZ Ethical Concern over DNA”, *The New Zealand Herald*, 17 de maio de 2001, recuperado em 19 de maio de 2001 de [www.nzherald.com](http://www.nzherald.com); Kent Larsen, “Projeto de Pesquisa Genealógica Molecular da BYU acusado de lapso ético na Nova Zelândia”, *Mormon News*, 18 de maio de 2001, recuperado em 19 de maio de 2001 em [www.mormonstoday.com](http://www.mormonstoday.com).

92 Jace Weaver, "Missions and Missionaries", em Mary B. Davis, ed., *Native America in the Twentieth Century: An Encyclopedia* (Nova York: Garland Publishing, 1994), 348.

93 Suzan Mazur, "As Escrituras Mórmons sobre os Índios mostram o lado objeccionável dos anfitriões olímpicos", *Indian Country Today*, 21 de fevereiro de 2002, recuperado em 22 de fevereiro de 2002 de [www.indiancountry.com](http://www.indiancountry.com).

94 Levantei preocupações semelhantes em várias publicações. Veja meu "Reinventing Mormonism", 177-92; "Laban's Ghost: On Writing and Transgression", *Dialogue: A Journal of Mormon Thought* 30 (verão de 1997), pp. 105-126; "Do Estereótipo Racista à Identidade Étnica: Usos Instrumentais da Doutrina Racial Mórmon", *Ethnohistory* 46/3 (1999): 451-80; e "Outras Histórias Mórmons: Subjetividade Lamanita no México", *Journal of Mormon History* 26 (outono de 2000): 179-215.

95 Sorenson, *An Ancient American Setting*, 94.

96 Doutrina e Convênios 3:18-20.

97 Para exemplos de usos históricos e sociais pós-1828 do rótulo lamanita, veja o "Reinventing Mormonism," "Laban's Ghost", "From Racist Stereotype" e "Other Mormon Histories".

98 Coe, "Mormons and Archaeology", 48.

## Lista de Figuras

Dança da chuva entre os Mandan _____	8
Título Original: Rainmaking among the Mandan	
Corrida de canoas perto de Sault Ste. Marie _____	14
Título Original: Canoe Race Near Sault Ste. Marie	
Índios Sioux com sapatos de neve lancetando búfalos _____	16
Título Original: Sioux Indians on Snowshoes Lancing Buffalo	
Vista no Rio St. Peter, índios Sioux caçando um cervo em suas canoas ____	19
Título Original: View on the St. Peter's River, Sioux Indians Pursuing a Stag in their Canoes	
Índios Comanche caçando búfalos _____	24
Título Original: Comanche Indians Chasing Buffalo	
Foz do rio Platte, a 900 milhas de St. Louis _____	31
Título Original: Mouth of the Platte River, 900 Miles above St. Louis	
Pedreira de catlinita (Pedra-Cachimbo) no Coteau des Prairies _____	34
Título Original: Pipestone Quarry on the Coteau des Prairies	
Caçada de búfalos usando peles de lobo _____	48
Título Original: Buffalo Hunt under the Wolf-skin Mask	
Índios Sioux cultuando em Red Boulders _____	52
Título Original: Sioux Worshiping at the Red Boulders	
Caçada de cervo sob a luz de tochas em canoas de súber _____	64
Título Original: Deer Hunting by Torchlight in Bark Canoes	
Vista aérea da vila Mandan, a 1800 milhas de St. Louis _____	66
Título Original: Bird's-eye View of the Mandan Village, 1800 Miles above St. Louis	
Cervos e búfalos pastando entre flores campestres, Texas _____	69
Título Original: Elk and Buffalo Grazing among Prairie Flowers, Texas	
Batalhão de guerra Comanche em marcha, completamente equipados ____	72
Título Original: Comanche War Party on the March, Fully Equipped	